

Manuel Jorge ●
Moreira de Carvalho

*Programa de bolsas para realização de
práticas profissionais de arquitectura*

Aires Mateus e Associados
Lisboa

Novembro 2018 - Maio 2019

O presente dossier serve como testemunho do período de prática profissional que tive oportunidade de experienciar no atelier de arquitectura Aires Mateus e Associados, em Lisboa, ao abrigo da bolsa para realização de práticas profissionais atribuída pela Fundación Arquia.

Apresenta-se sob a forma de um conjunto de imagens/texto, vislumbre do total inabarcável que configura a vida, no sentido de documentar o acolhimento e progressiva integração no atelier e na cidade de Lisboa (que conhecia apenas em resultado de visitas ocasionais), para que transpareçam as raízes que foram lançadas.

Uma cidade de degraus.



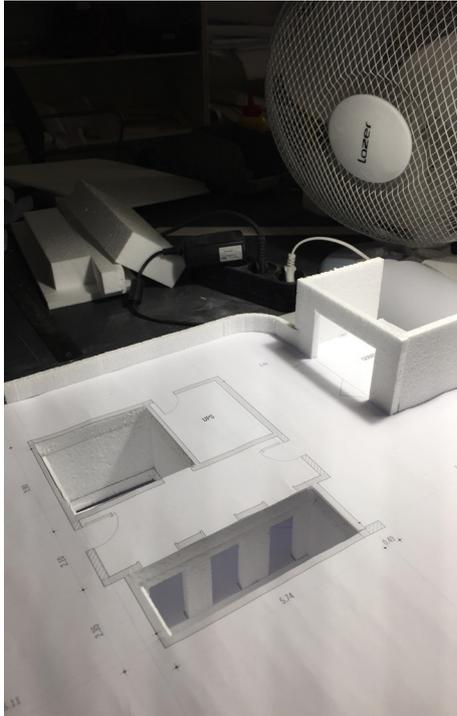


O atelier encontra-se instalado numa antiga casa com 4 pisos, o que em si, de certo modo, mimetiza uma cidade construída por níveis. A sua estrutura de relação vertical torna a escada num espaço de vivência e partilha, onde o projecto se *dá* nos sucessivos cruzamentos que, por acaso, se *dão*.

Daí precisarmos de uma escada larga.

A primeira percepção que tive da cidade de Lisboa, quando acordei numa fria segunda-feira de Novembro, foi de uma cidade colorida, silenciosa e aparentemente calma. O percurso até ao atelier denunciou imediatamente uma cidade profundamente enraizada e estruturada pela topografia, ajustando-se e ajustando-a. Rapidamente reconheci que se tratava de um gigante adormecido, que subitamente nos precipita o movimento. Nesse sentido, os degraus são bem-vindos. Permitem-nos parar, regradar o caminho.

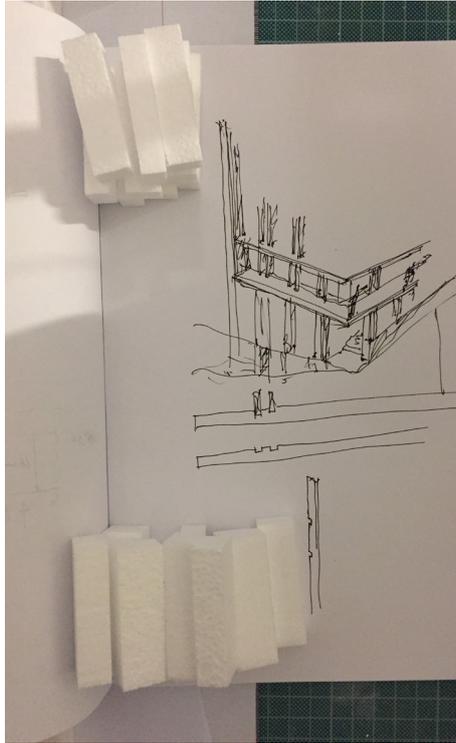




que desenvolvi no atelier foi a elaboração da maquete que acompanharia o desenvolvimento de um projeto de adaptação de um edifício de escritórios para a habitação. O processo era delicado e, entre operações minuciosas, a maquete foi tomando forma. Foi um processo longo, uma maquete que permitia ver o tempo a correr. Nesse sentido de “revolução”, era uma segunda casa ou, talvez, uma terceira dentro de uma segunda, que se vislumbrava naquela sala de maquetas onde tantas outras casas encontravam o seu espaço,

As primeiras semanas foram de mudanças, de uma casa temporária para uma menos temporária. É um processo de constante equilíbrio entre movimentos sucessivos, de recuos em decisões e um outro sem número de impulsivos avanços. Do mesmo modo se constrói uma maquete, que se quer merecedora de tal designação. Modelo sempre em movimento, na procura de um espaço que só existe dentro da cabeça de alguns, mas que se quer de todos. Curiosamente, em simultâneo com as mudanças de casa, uma das primeiras acções





movimentando-se por entre os dedos de quem lhes trazia o modelo ao existir. Esse espaço comum com outros colaboradores do atelier, que naquele momento partilhavam de uma mesma condição de “produtores de maquetas”, permitiu-me reconhecer afinidades, diferenças e espaços entre. Uns acreditavam na produção de maquetas enquanto objectos singulares, que faziam do sentido estético a sua razão de ser. Outros submetiam os materiais à sua vontade, tentando extrair destes uma matéria névoa que

(possivelmente) lhes povoava o pensamento. Havia ainda um outro grupo, onde penso poder incluir-me que, fruto da sua juventude, simplesmente viviam divertidos, numa procura de algo que sabiam existir, mas que não podiam aceder. Contudo, todos concorriam num sentido: fazer casas, tanto as de outros, como as de si.

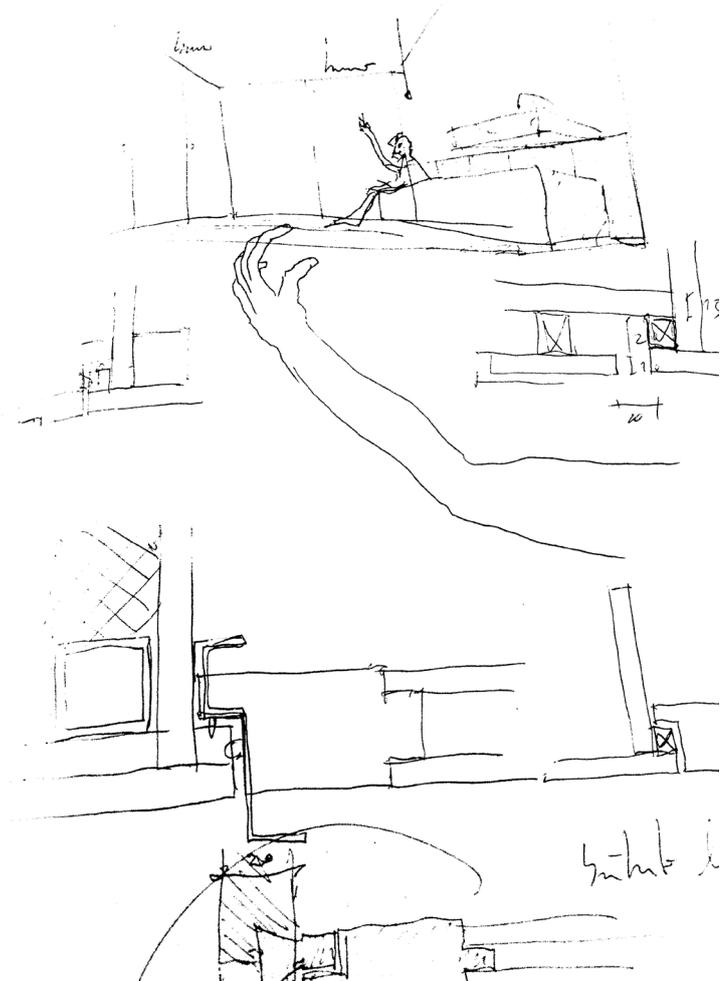
Porque nada surge com a sua própria forma.

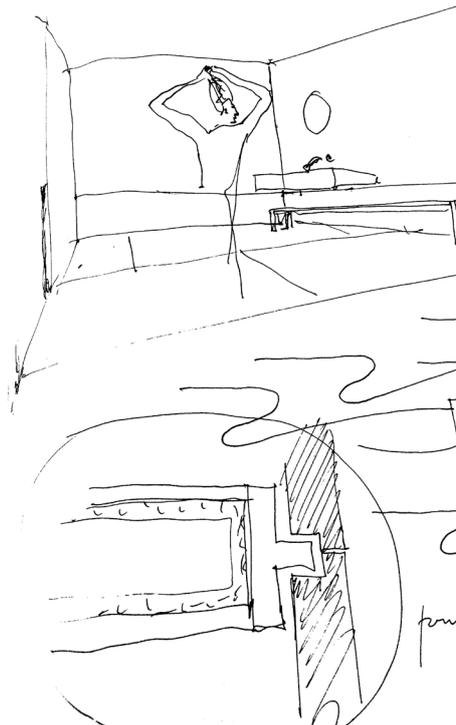
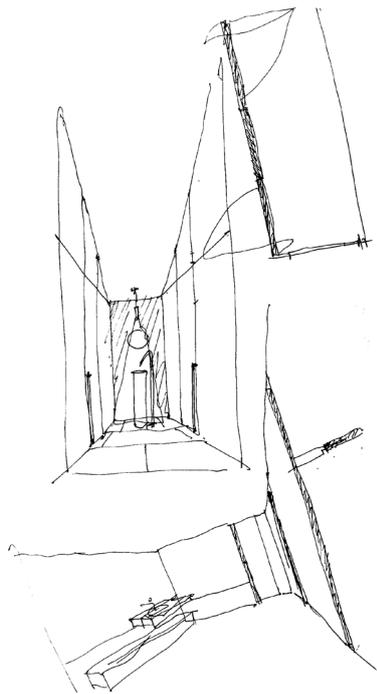
O pátio do atelier é uma clepsidra.





Voltar ao desenho.



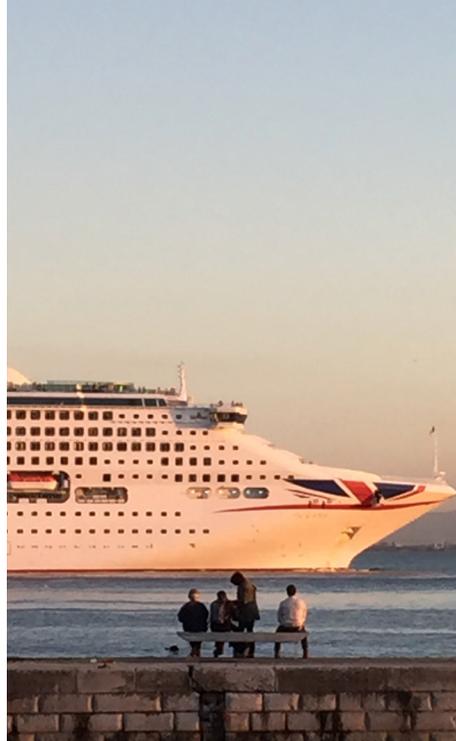


A certo momento tive a oportunidade de participar activamente no projecto de execução para um escritório a inserir numa fracção de um edifício do arquitecto Álvaro Siza. Era, então, um exercício cuidado de respeito pelo edifício (e pelo arquitecto) em que nos encontrávamos e a necessidade de lhe introduzir um novo ambiente para aceder às novas exigências de ocupação. O projecto fez-se no detalhe e, por haver condições para isso, fez dele a sua condição maior. O que permitiu desenhar.

Exaustivamente desenhar. Desenhos de paredes, desenhos de portas, desenhos de puxadores, desenhos de espelhos, desenhos de pessoas, desenhos de vida — sem nunca a perder de vista. Aparecem braços e mãos que moldam o espaço, que o liberta de nós e faz-lhes pertencer.

Assim se avança o projecto.

Porque uma cidade procura-se no inesperado da viagem.



2



3







5

Uma das actividades que me deu mais prazer foi um rotineiro vaguear sem rumo muito preciso pela cidade de Lisboa. Penso que não há melhor forma de conhecer uma cidade (e de nos conhecer a nós próprios) do que procurar a inutilidade do passeio — tarefa árdua no veloz tempo que vivemos.

O tempo para o fazer era escasso, portanto foi necessário estabelecer uma regra mínima de jogo: não se definia rumo, nem objectivo, mas impunha-se uma duração e a obrigatoriedade de não repetir



6

percursos anteriores. Em limite, provocar o acaso — para que possamos cair — e para que regressemos dele.

Neste jogo descobri uma cidade que brinca com a escala [1], com uma constante necessidade de reconfiguração [2], com o inesperado intemporal a descobrir [3] ou, até, com aquilo que está oculto [4]. E se uma cidade também pode ser uma biblioteca, então não há melhor elogio a fazer-lhe do que viver as suas escondidas bibliotecas de “vão de escada” [5].



7

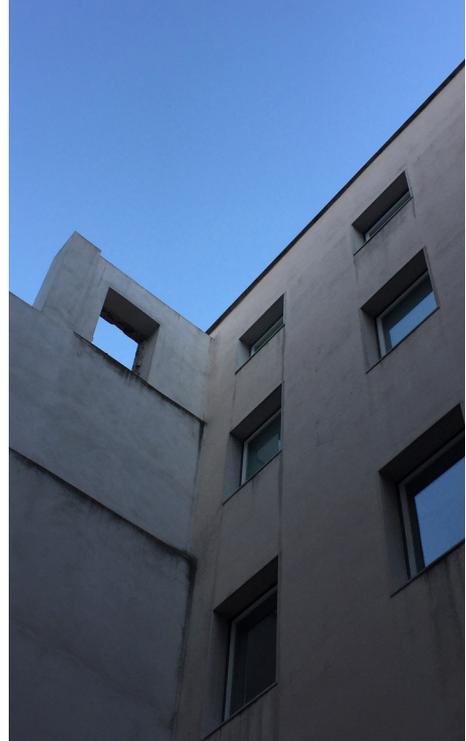


8

Descobri convivências estranhas
[6], revisei velhos e novos
conhecidos à beira mar [7 - 8]
e percebi que o silêncio, afinal, é
possível [9].



9



**O pátio do atelier é
uma clepsidra.**





Porque o fazer arquitectura não se vive apenas no estirador.





-nos algo que talvez de outro modo não o conseguíssemos perceber, o esforço que requer levantar do chão uma estrutura de abrigo. É esforço colectivo, onde a vontade individual concorre para um objectivo comum. É perceber densidades, materiais que se comportam quase como se tivessem vida própria, o esforço que significa cobrir um grande vão ou passar um tubo entre tijolos, e o sentido da construção é o de progressivamente esconder esse esforço.

Ou ninguém se sentirá em casa.

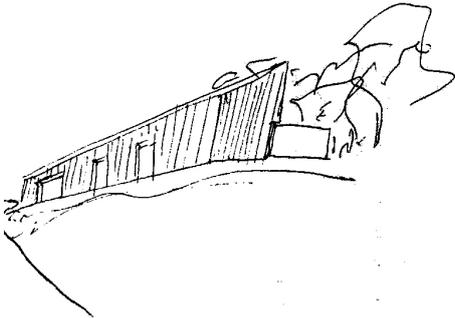
Uma coisa que me entusiasmou imenso foi quando tive a oportunidade de visitar obras em curso, uma condição difícil de se experimentar enquanto estudante. Num quente dia de março fomos visitar uma série de casas em construção. Ao chegar a um estaleiro há sempre uma sensação de suspensão, como se o tempo não passasse. Como se tratasse de uma regressão, estamos perante ruínas a deixarem de o ser. Ruínas que nos colocam em primeiro plano, sabendo já nós o seu destino. Uma casa em construção mostra-







uma casa

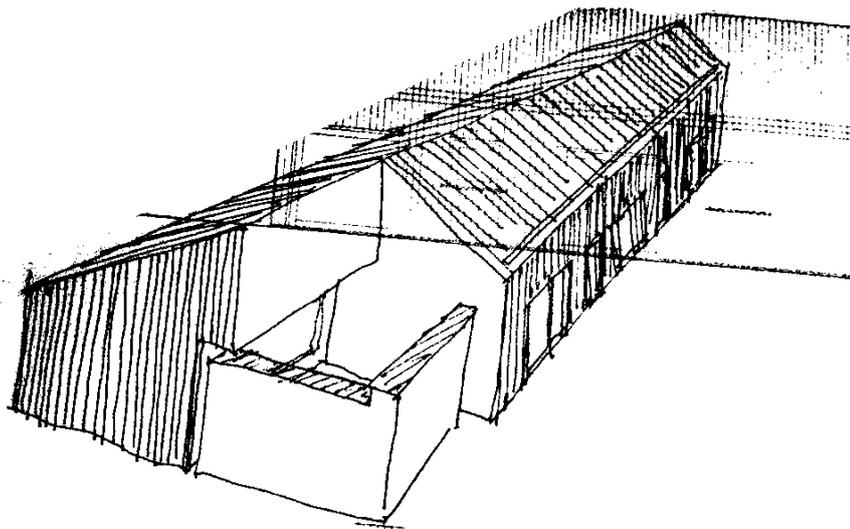
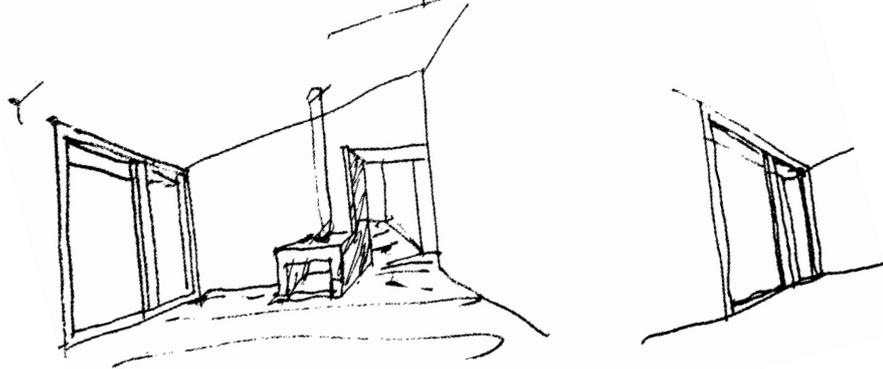
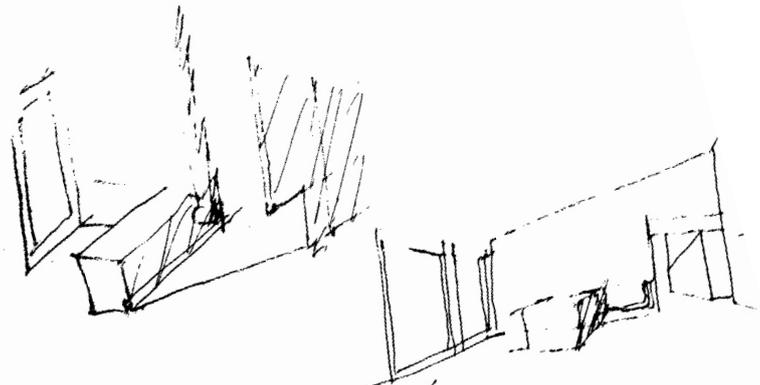


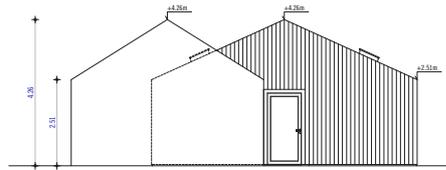


A última acção de projecto que desenvolvi no atelier foi um estudo prévio para uma pequena casa no Alentejo. Tratava-se de um programa bastante simples: 3 quartos, uma sala de estar/jantar, uma cozinha e duas instalações sanitárias. Contudo o projecto continha uma dificuldade, a relação com a casa em ruínas existente. Optou-se por manter a imagem da ruína, ocultando o novo volume por detrás destas. Este processo, de começar um projecto do zero (assumindo que não existe um grau zero), permitiu-me voltar a

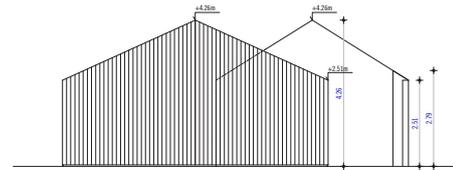
um estado que há já algum tempo pensava perdido: a inocência do fazer, aliada à consciência de que fazer arquitectura vai para além da condição de agir, produzindo objectos na paisagem, e convoca a ideia de agente produtor de vida, fruto de um lugar e de um momento, que trespassa toda a história.

Só assim se pode fazer arquitectura.

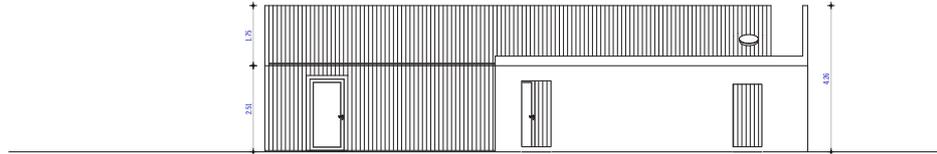




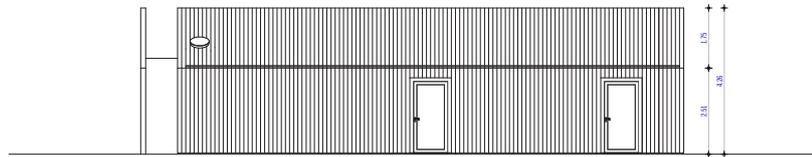
Alçado Norte



Alçado Sul



Alçado Nascente



Alçado Poente

**O pátio do atelier é
uma clepsidra.**





